



O ensino de Geografia para estudantes com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática qualitativa entre 2016 e 2024 no Brasil

doi: <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2026.v10.1860>

Lafayette Costa Neto¹

Luiza Nissola Pereira²

Alice de Paulo Pinheiro³

Data de submissão concluída: 20/9/2025. Data de aprovação: 1º/12/2025. Data de publicação: 2/1/2026.

Resumo – O presente trabalho é uma revisão sistemática qualitativa da produção científica nacional sobre o ensino de Geografia para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no período de 2016 a 2024, contemplando 29 trabalhos, entre teses, dissertações, monografias e artigos. As fontes de busca selecionadas para a revisão incluíram o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Google Acadêmico. O objetivo central é mapear estratégias didáticas, desafios docentes e contribuições das práticas pedagógicas inclusivas para a aprendizagem geográfica. Os resultados indicam que a maioria das pesquisas adotam abordagens qualitativas, com destaque para estudos de caso, observação participante e entrevistas, refletindo a complexidade das interações entre professores, alunos autistas e o ambiente escolar. Também se identificam metodologias mistas e intervencionistas, estas últimas caracterizadas pela aplicação prática de recursos como jogos, mapas mentais e tecnologias digitais. Os instrumentos pedagógicos mais recorrentes foram os lúdicos e manuais (mapas táteis, quebra-cabeças, massinhas de modelar), tecnologias digitais e impressão 3D, além do uso de sistemas de comunicação alternativa, como o *The Picture Exchange Communication System* (PECS). Tais práticas mostraram-se relevantes para ampliar a participação, a compreensão espacial e a expressão de estudantes com TEA. Entretanto, limitações estruturais, como a escassez de recursos e a falta de formação docente especializada, foram apontadas como barreiras recorrentes à efetividade das propostas. Em termos de resultados, a maioria dos trabalhos relatou avanços cognitivos e sociais, ainda que condicionados ao contexto de aplicação. O estudo conclui que o ensino de Geografia possui grande potencial inclusivo, desde que sustentado por políticas públicas robustas, formação continuada de professores e condições institucionais adequadas. Assim, a inclusão de estudantes com TEA é compreendida não apenas como questão metodológica, mas como compromisso ético, político e pedagógico.

Palavras-chave: Aprendizagem. Autismo. Geografia. Inclusão.

¹ Doutorando em Ciência Ambiental no Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico de Geografia no Campus Caraguatatuba, do Instituto Federal de São Paulo. Caraguatatuba, São Paulo, Brasil.  prof.georj@gmail.com  <https://orcid.org/0009-0009-4678-8829>  <http://lattes.cnpq.br/5008518751847432>.

² Estudante do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no Campus Caraguatatuba, do Instituto Federal de São Paulo. Bolsista no Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas. Caraguatatuba, São Paulo, Brasil.  nissola.l@aluno.ifsp.edu.br  <https://orcid.org/0009-0001-3508-078X>  <http://lattes.cnpq.br/9868160900639294>.

³ Estudante do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no Campus Caraguatatuba, do Instituto Federal de São Paulo. Bolsista no Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas. Caraguatatuba, São Paulo, Brasil.  alicedpp.ifsp@gmail.com  <https://orcid.org/0009-0007-1103-2672>  <http://lattes.cnpq.br/0395650876213308>.

The teaching of Geography for Students with Autism Spectrum Disorder: a systematic review between 2016 and 2024 in Brazil

Abstract – The present work is a qualitative systematic review of national scientific production on the teaching of Geography to students with Autism Spectrum Disorder (ASD), covering the period from 2016 to 2024 and analyzing 29 works, including theses, dissertations, monographs, and essays. The sources consulted for this review comprised the Coordination for the Improvement of Higher Education (CAPES) Theses and Dissertations Catalog, the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), and Google Scholar. The main objective is to map teaching strategies, teaching challenges, and the contributions of inclusive pedagogical practices to geographical learning. The results indicate that most research adopts qualitative approaches, especially case studies, participant observation, and interviews, reflecting the complexity of interactions between teachers, autistic students, and the school environment. Mixed and interventionist methodologies are also identified, the latter characterized by the practical application of resources such as games, mind maps, and digital technologies. The most recurrent pedagogical tools were playful and manual resources (tactile maps, puzzles, modeling clay), digital technologies, and 3D printing, as well as the use of alternative communication systems, such as The Picture Exchange Communication System (PECS). These practices proved to be relevant for expanding participation, spatial understanding, and expression of students with ASD. However, structural limitations, such as the scarcity of resources and the lack of specialized teacher training, were identified as recurring barriers to the effectiveness of the proposals. In terms of results, most of the works reported cognitive and social progress, although conditioned by the context of application. The study concludes that the teaching of Geography has great inclusive potential, provided it is supported by robust public policies, continuous teacher training, and adequate institutional conditions. Thus, the inclusion of students with ASD is understood not only as a methodological issue but also as an ethical, political, and pedagogical commitment.

Keywords: Autism. Geography. Inclusion. Learning.

La enseñanza de la Geografía para estudiantes con Trastorno del Espectro Autista: una revisión sistemática cualitativa entre 2016 y 2024 en Brasil

Resumen – El presente trabajo es una revisión sistemática cualitativa de la producción científica nacional sobre la enseñanza de la Geografía a estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA), en el período de 2016 a 2024, contemplando 29 trabajos, entre tesis, dissertaciones, monografías y artículos. Las fuentes de búsqueda seleccionadas para esta revisión comprendieron el Catálogo de Tesis y Disertaciones de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Nivel Superior (CAPES), la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD) y Google Académico. El objetivo central es mapear estrategias didácticas, desafíos docentes y contribuciones de las prácticas pedagógicas inclusivas al aprendizaje geográfico. Los resultados indican que la mayoría de las investigaciones adopta enfoques cualitativos, con destaque para estudios de caso, observación participante y entrevistas, reflejando la complejidad de las interacciones entre docentes, estudiantes autistas y el entorno escolar. También se identifican metodologías mixtas e interventivas, estas últimas caracterizadas por la aplicación práctica de recursos como juegos, mapas mentales y tecnologías digitales. Los instrumentos pedagógicos más recurrentes fueron los

recursos lúdicos y manuales (mapas táctiles, rompecabezas, plastilina), tecnologías digitales e impresión 3D, además del uso de sistemas de comunicación alternativa, como el *Sistema de Comunicación por Intercambio de Imágenes* (PECS). Tales prácticas demostraron ser relevantes para ampliar la participación, la comprensión espacial y la expresión de estudiantes con TEA. Sin embargo, limitaciones estructurales, como la escasez de recursos y la falta de formación docente especializada, fueron señaladas como barreras recurrentes a la efectividad de las propuestas. En términos de resultados, la mayoría de los trabajos reportó avances cognitivos y sociales, aunque condicionados al contexto de aplicación. El estudio concluye que la enseñanza de la Geografía posee un gran potencial inclusivo, siempre que esté sustentadas en políticas públicas sólidas, formación continua del profesorado y condiciones institucionales adecuadas. Así, la inclusión de estudiantes con TEA se comprende no solo como una cuestión metodológica, sino también como un compromiso ético, político y pedagógico.

Palabras clave: Aprendizaje. Autismo. Geografía. Inclusión.

Introdução

O ensino de Geografia tem como um de seus principais objetivos desenvolver nos estudantes a capacidade de compreender o espaço geográfico como produto das relações sociais, culturais, econômicas e ambientais (Callai, 2013; Castellar, 2018). Quando se trata de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse processo educativo requer abordagens didáticas que respeitem as particularidades cognitivas e sensoriais desses sujeitos, ampliando o acesso ao conhecimento geográfico de forma significativa, adaptada e inclusiva. Nesse sentido, o ensino de Geografia pode ser uma poderosa ferramenta de construção da cidadania, desde que mediado por práticas pedagógicas que valorizem a diversidade neurobiológica (Oliveira; Souza, 2020).

Segundo o Censo Escolar 2024, organizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o número de matrículas de estudantes com TEA na educação básica aumentou 44,4% em um ano, passando de 636.202 em 2023 para 918.877 em 2024, evidenciando um avanço nas práticas de inclusão escolar no Brasil (INEP, 2024). Complementarmente, de acordo com os dados do Censo Demográfico 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 2,4 milhões de brasileiros relataram ter diagnóstico de autismo, o que corresponde a aproximadamente 1,2% da população total (IBGE, 2025). Esses dados demonstram a crescente visibilidade do TEA e a importância de políticas públicas de identificação precoce, atendimento especializado e formação docente voltada à inclusão educacional.

A necessidade de desenvolver a presente pesquisa surgiu da vivência em sala de aula, entre os anos de 2023 e 2025, com estudantes do ensino médio e técnico diagnosticados com TEA no Instituto Federal de São Paulo – Campus Caraguatatuba (SP). Essa experiência evidenciou desafios significativos no processo de ensino e aprendizagem desses sujeitos. Observa-se que muitos docentes ainda enfrentam dificuldades em estruturar práticas pedagógicas inclusivas que favoreçam a participação efetiva desses alunos nas atividades escolares. Da mesma forma, os colegas de classe também demonstram limitações em incluir os estudantes com TEA nas dinâmicas cotidianas e na rotina acadêmica do campus. Embora o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) desenvolva ações voltadas ao atendimento especializado, persiste a escassez de materiais pedagógicos

e formações continuadas adequadas para atender às demandas específicas desse público.

A inclusão escolar de alunos com TEA é um dos pilares da política educacional brasileira nas últimas décadas, orientada pelos princípios da educação inclusiva estabelecidos na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), e reafirmados por legislações como o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei n.º 13.146/2015). A prática docente, nesse contexto, enfrenta o desafio de integrar alunos com autismo às atividades escolares de maneira equitativa, o que demanda formação continuada, estratégias diferenciadas e suporte interdisciplinar (Mantoan, 2015; Schwartzman, 2019).

Nota-se que as políticas públicas desenvolvidas para a inclusão de estudantes autistas são relativamente recentes no contexto brasileiro, mostrando que o longo tempo que precedeu essas políticas foi marcado por pouco avanço no campo do ensino inclusivo, como enfatiza Silva et al. (2025, p. 2):

A busca por uma educação inclusiva, capaz de atender a todos, independente de suas condições ou limitações, tem se estendido ao longo de décadas. Durante esse percurso, houve períodos de retrocesso, marcados pelo silenciamento e pela segregação de indivíduos que não se ajustaram aos padrões de normalidade estabelecidos pela sociedade.

No caso específico da Geografia, ainda são escassas as investigações que sistematizam práticas pedagógicas exitosas com estudantes autistas, o que evidencia a urgência de estudos que promovam o compartilhamento de saberes e experiências.

A revisão sistemática se apresenta como uma ferramenta metodológica de grande relevância para a ciência contemporânea, especialmente nas áreas de interface entre educação, neurodiversidade e didática. Ao reunir, analisar e sintetizar criticamente os resultados de pesquisas publicadas em um período delimitado, a revisão sistemática permite identificar lacunas do conhecimento, padrões metodológicos e tendências temáticas (Botelho; Cunha; Macedo, 2011; Galvão; Pereira; Silva, 2015).

O presente artigo tem como objetivo principal realizar uma revisão sistemática qualitativa da produção científica nacional sobre o ensino de Geografia para estudantes com Transtorno do Espectro Autista no período de 2016 a 2024, com o intuito de mapear as estratégias didáticas utilizadas, os desafios enfrentados pelos professores e as contribuições das práticas pedagógicas inclusivas para o aprendizado geográfico.

O recorte temporal proposto para a revisão acompanha o seguimento legislativo da inclusão de alunos autistas no ensino regular, promulgado somente a em 2015. A construção das políticas públicas voltadas à inclusão educacional das pessoas com deficiência, incluindo os autistas, têm origem na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, instituída pelo Ministério da Educação em 2008, que assegurou o acesso de estudantes com deficiência à escola regular e ao Atendimento Educacional Especializado - AEE (Brasil, 2008). Posteriormente, a Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, reconheceu oficialmente o TEA como deficiência para todos os efeitos legais, garantindo direitos fundamentais, como o diagnóstico precoce, tratamento adequado, acesso à educação e à inclusão no mercado de trabalho (Brasil, 2012). Entretanto, foi apenas com a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), em 2015, que se consolidou a obrigatoriedade de implementação de práticas pedagógicas efetivamente inclusivas nas instituições de ensino, impulsionando a produção acadêmica e científica sobre o tema e promovendo

o fortalecimento de políticas educacionais voltadas à equidade e à diversidade (Brasil, 2015; Glat; Pletsch, 2019).

Materiais e métodos

A revisão sistemática qualitativa consiste em uma estratégia metodológica para identificar, selecionar e analisar criticamente estudos primários com base em critérios previamente estabelecidos, garantindo transparência e reproducibilidade (Souza; Silva; Carvalho, 2021). Essa abordagem envolve etapas que abrangem a definição do problema de pesquisa, elaboração da questão norteadora, escolha das bases de dados, aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, e avaliação da qualidade metodológica dos estudos incluídos.

Souza *et al.* (2018) apontam que a revisão qualitativa deve demonstrar clareza nos objetivos, transparência nos métodos de busca e critérios de inclusão, além de uma síntese reflexiva dos estudos encontrados, ressaltando a importância do rigor metodológico. A fase de síntese numa revisão sistemática qualitativa implica agrupar os resultados por similaridade, propiciando uma análise comparativa e uma discussão aprofundada das evidências, sem recorrer à agregação quantitativa dos dados.

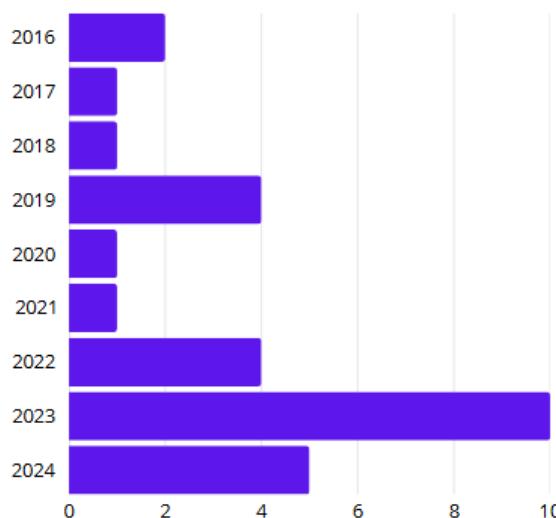
As fontes de busca selecionadas para a revisão incluíram o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Google Acadêmico e Repositórios de instituições públicas. Para a busca dentro das plataformas foram utilizadas as palavras-chave “Ensino”, “Geografia”, “Autismo” e “TEA”. Para os trabalhos onde as quatro palavras-chave pré-selecionadas não foram encontradas juntas no título, designou-se a presença de no mínimo duas das quatro definidas e foi analisado o contexto da pesquisa para verificação de envolvimento com o tema estudado. Como critério de seleção e exclusão, foram mantidos trabalhos publicados por instituições reconhecidas e revistas científicas com revisão de pares.

A partir dos critérios pré-estabelecidos, conforme descrito no parágrafo anterior, foram selecionadas no total 29 produções científicas, quantificadas em: uma tese de doutorado, dez dissertações de mestrado, nove monografias de conclusão de curso e nove artigos publicados em revistas, conforme descrito na Figura 1. Os trabalhos foram analisados separadamente através de leitura sistemática, com foco em compreender objetivos, metodologia, instrumentos e principalmente resultados alcançados. Para cada trabalho foi feita uma síntese descritiva, ressaltando os principais pontos e, posteriormente, foi transportado para uma planilha onde todos os dados foram observados de maneira dinâmica, reunindo informações referentes ao nome dos autores, tipo de pesquisa, ano de produção, instituição de origem, metodologia, instrumentos e resultados.

A análise dos resultados consistiu, em um primeiro momento, agrupar as pesquisas por semelhança metodológica e, posteriormente, através do entendimento dos instrumentos utilizados, foi feita uma comparação dos resultados, identificando os avanços e as lacunas ainda presentes na construção do tema científico proposto.

Figura 1- Distribuição quantitativa de pesquisas sobre ensino de Geografia para alunos TEA (2016-2024)

Artigo Científico



Fonte: os autores (2025)

Resultados e discussões

A análise dos 29 trabalhos, listados no Quadro 1, evidencia a pluralidade de caminhos percorridos e resultados alcançados pela produção acadêmica voltada ao ensino de Geografia para estudantes com TEA no Brasil. O conjunto das pesquisas revela a presença de metodologias diversificadas, instrumentos pedagógicos inovadores e resultados que variam entre avanços significativos na inclusão e constatações críticas sobre as barreiras estruturais ainda presentes no sistema educacional. Este capítulo busca interpretar essas pesquisas, agrupando-as por semelhança de métodos, instrumentos e resultados, a fim de identificar padrões que possam orientar práticas futuras no campo da educação inclusiva.

Quadro 1 - Lista de trabalhos revisados, organizados por autoria, tipo, título e ano de produção.

Autor(es)	Tipo de pesquisa	Título	Ano
SPONDELNER	Monografia	Aprender juntos: atividades inclusivas de Geografia para estudantes com TEA	2024
GUARESI	Dissertação	Geografia inclusiva na produção de material sensorial de escala geográfica para estudantes com TEA	2024
DE JESUS; CARVALHO; SILVA	Artigo	Flexibilização das metodologias para o ensino de Geografia para alunos com TEA	2024
BARROS; CARVALHO	Artigo	Inclusão de alunos com Transtorno Autista no processo de ensino de Geografia: avanços e retrocessos	2024
NORA; SILVA	Artigo	Os sentidos de lugar e espaço geográfico construído por meio do uso do sistema PECS em alunos com TEA nas aulas de Geografia	2024

Artigo Científico

SILVA	Artigo	Estratégias de inclusão no ensino comum: reflexões sobre o ensino de Geografia para alunos com TEA	2023
GRAÇA	Dissertação	Aprender geográfico pela diversidade do espectro autista: estudo de caso em escola de Maceió (AL)	2023
BRITES	Dissertação	Práticas pedagógicas no ensino de Geografia para estudantes com TEA: análise sobre escolas de tempo integral em Campo Grande/MS	2023
BATISTA	Dissertação	O ensino da Geografia por meio de mapas mentais e quebra-cabeças: recurso pedagógico acessível para estudantes com TEA	2023
ARRUDA	Dissertação	Geografia e educação inclusiva: a formação docente com foco no Transtorno do Espectro Autista (TEA)	2023
NASCIMENTO; DINIZ; GARCIA	Artigo	Ajude-nos a compreender o espaço geográfico – manual pedagógico para professor de aluno com autismo	2023
SANTOS; PESSOA	Artigo	O ensino de Geografia para alunos com autismo: desafios e perspectivas para prática inclusiva	2023
SCHWARTZ	Monografia	Apropriação de conceitos geográficos por estudantes autistas: mediação docente e cartografia tátil	2023
SILVA; SILVA	Artigo	Ensino de Geografia e TEA: proposição de material 3D	2023
ZANON; GRADINI	Artigo	Estratégias e práticas que podem contribuir para inclusão de estudantes com TEA no ensino de Geografia e no PEI	2023
FERREIRA	Monografia	As contribuições dos mapas mentais para a alfabetização cartográfica de aluno com TEA	2022
ARAÚJO	Dissertação	Ensino da cartografia: limites e possibilidades para a prática docente junto aos estudantes com TEA	2022
DA SILVA	Monografia	Autismo e inclusão escolar: estudo sobre os desafios no processo de aprendizagem do ensino de Geografia	2022
BARBOSA	Dissertação	Os sentidos de lugar e espaço geográfico construído por meio do uso do sistema PECS em alunos com autismo	2022
FERREIRA	Monografia	O ensino de Geografia no contexto dos professores de alunos autistas em Teresina-PI	2021
DIÓRIO	Dissertação	Princípios do Desenho Universal para Aprendizagem em objetos de conhecimento de Geografia	2020
SOUSA	Monografia	Inclusão do autista: análise de práticas pedagógicas no ensino da Geografia em Campina Grande – PB	2019
SILVA	Monografia	O papel do ensino de Geografia no processo de inclusão do autista na Educação Infantil	2019

SOUZA	Monografia	Geografia escolar e o Transtorno do Espectro Autista (TEA)	2019
COSTA	Dissertação	Aprendendo a cartografar com crianças com TGD: a relação sujeito-espacó dos autistas	2019
GUIMARÃES; WIEZZEL	Artigo	De um rabisco no papel para o sentido do lugar: o estudo geográfico de crianças com TEA no ambiente escolar	2018
SILVA	Dissertação	O ensino de Geografia e os mapas mentais de crianças e adolescentes com TEA em Duque de Caxias – RJ	2017
FERREIRA	Tese	Mediações do professor de apoio educacional especializado no cotidiano escolar de alunos com TEA	2016
SILVA; FREITAS	Artigo	Adaptação curricular para crianças com TEA na perspectiva do programa TEACCH: relato de experiência	2016

Fonte: os autores (2025)

Do ponto de vista metodológico, a predominância de abordagens qualitativas é notória. A maioria dos trabalhos adota o formato de pesquisa qualitativa exploratória, recorrendo à observação participante, entrevistas semiestruturadas, estudos de caso e análise documental. Essa preferência pode ser compreendida pelo caráter subjetivo e complexo das interações entre professores, estudantes com TEA e o ambiente escolar, dimensões dificilmente captadas apenas por números. Trabalhos como os de Silva (2019), Souza (2019) e Graça (2023) são exemplos representativos dessa vertente, uma vez que se dedicam a compreender a realidade vivida em sala de aula e propor adaptações a partir das dificuldades e potencialidades observadas. Embora esses estudos forneçam uma visão rica e aprofundada, seu alcance muitas vezes se restringe ao contexto específico investigado, limitando generalizações mais amplas.

Em contrapartida, há pesquisas que optam por metodologias mistas, combinando análises qualitativas com levantamentos quantitativos, questionários estruturados ou coleta de dados estatísticos. Trabalhos como os de Arruda (2023), Ferreira (2021) e Barbosa (2022) ilustram essa tendência, na medida em que buscam articular os relatos subjetivos com evidências empíricas mais concretas. Essa combinação se mostra relevante, pois contribui para superar uma das críticas recurrentes às pesquisas exclusivamente qualitativas: a dificuldade de mensurar objetivamente a efetividade das práticas. Contudo, observa-se que essa vertente ainda é minoritária, o que indica um campo de oportunidade para estudos futuros que ampliem o uso de métodos quantitativos sem perder de vista o olhar crítico e interpretativo das análises qualitativas.

Outro grupo metodológico pertence aos estudos intervencionistas, que não apenas descrevem práticas inclusivas, mas as testam em situações reais de ensino. Casos como os de Spondelner (2024), que utilizou massinhas de modelar e plataformas digitais como Kahoot e Quizziz, ou de Batista (2023), que desenvolveu jogos de quebra-cabeça cartográfico, ilustram essa postura experimental. Também podem ser citados Ferreira (2022), com oficinas de mapas mentais, e Diório (2020), com aplicação dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem. Esses trabalhos demonstram maior potencial de impacto prático, uma vez que permitem verificar, em

tempo real, como as propostas se traduzem em resultados efetivos para os estudantes. O padrão observado é que os estudos interventivos costumam relatar ganhos mais concretos em termos de participação, expressão e desenvolvimento cognitivo, ainda que também identifiquem limitações na execução.

Em relação aos instrumentos pedagógicos utilizados, a diversidade é igualmente significativa. Uma primeira categoria concentra-se em recursos lúdicos e manuais, tais como mapas mentais, massinhas de modelar, jogos de tabuleiro ou atividades de confecção de materiais. Esses instrumentos aparecem em trabalhos como os de Ferreira (2022), Batista (2023) e Costa (2019), que exploram as potencialidades visuoespaciais dos alunos com TEA e permitem que expressem suas percepções do espaço de forma criativa. As experiências relatadas sugerem que a manipulação de materiais concretos facilita a compreensão de conceitos geográficos abstratos e fortalece vínculos entre memória, emoção e território.

Outra categoria de trabalhos recorre às tecnologias digitais e à cultura *maker*, que têm se consolidado como tendências emergentes. Exemplos claros dessa vertente são os trabalhos de Spondelner (2024), que aplicou ferramentas interativas online; Araújo (2022), que analisou a utilização de tecnologias assistivas digitais; e Silva & Silva (2023), que desenvolveram materiais em impressão 3D voltados para conteúdos de ensino de geomorfologia. Esses estudos apontam para a relevância das inovações tecnológicas na redução de barreiras de abstração, oferecendo aos estudantes autistas a possibilidade de vivenciar conceitos geográficos em ambientes mais dinâmicos e interativos. Ao mesmo tempo, destacam o desafio de garantir infraestrutura tecnológica e capacitação docente compatíveis, sem as quais tais inovações correm o risco de permanecer restritas a experiências pontuais.

Uma terceira categoria de instrumentos pedagógicos envolve as estratégias de comunicação alternativa e aumentativa, entre as quais o *Picture Exchange Communication System* (PECS) é o mais recorrente. Trabalhos como os de Barbosa & Nora (2024) e Barbosa (2022) relatam a adaptação do PECS ao ensino de conceitos geográficos relacionados ao lugar e ao espaço vivido. Essa abordagem revela-se fundamental para estudantes com dificuldades de comunicação verbal, pois amplia suas formas de expressão e participação em sala de aula. Tais resultados reforçam a necessidade de integrar tecnologias de comunicação alternativa ao repertório metodológico dos professores de Geografia.

Paralelamente, um conjunto de trabalhos se concentra na análise de documentos oficiais, políticas públicas e formação docente. Destacam-se aqui os estudos de Nascimento, Diniz e Garcia (2023), que elaboraram um manual didático fundamentado em princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA); de Arruda (2023), que estruturou um programa de formação continuada para professores de Geografia; e de Barros & Carvalho (2024), que mapearam a evolução das legislações inclusivas no Brasil desde 1988. Esse grupo de trabalhos converge para um diagnóstico contundente: a carência de formação específica dos professores de Geografia representa um dos maiores entraves à efetivação de práticas inclusivas. Sem preparo adequado, mesmo os melhores instrumentos pedagógicos tornam-se de difícil aplicação.

Silva e Freitas (2016) evidenciam que a adaptação curricular fundamentada no programa *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children* (TEACCH) contribui significativamente para a aprendizagem, uma vez que promove a organização visual e a individualização do ensino, favorecendo a participação ativa do estudante no processo escolar. Complementarmente, De Jesus, Carvalho e Silva (2024) destacam a necessidade de

flexibilizar as práticas pedagógicas em Geografia, incorporando metodologias como ABA e TEACCH, e a valorização do hiperfoco do aluno como estratégia para potencializar a aquisição de conhecimentos geográficos. A relação entre esses trabalhos demonstra que a aplicação de recursos adaptados (materiais estruturados e rotinas visuais) e a articulação de metodologias diversificadas permitem não apenas ampliar o acesso ao currículo, mas também promover experiências de aprendizagem mais significativas e inclusivas.

Como única tese de doutorado incluída na revisão, o trabalho de Ferreira (2016) analisa as mediações do professor de apoio educacional especializado no processo de aprendizagem de estudantes com TEA, com foco em conteúdos de Geografia. O estudo parte do pressuposto de que a intervenção docente pode atuar em três eixos fundamentais: a inteligibilidade da comunicação por meio de relações dialógicas; a adequação metodológica às funções psicológicas superiores; e o uso de recursos didático-pedagógicos que favoreçam a abstração. Os resultados indicaram que, mesmo diante de diferentes níveis de comprometimento dos estudantes com TEA, a mediação individualizada mostrou-se eficaz, proporcionando avanços significativos no processo de aprendizagem. Assim, a pesquisa destaca a importância da ação docente estruturada, sensível às necessidades específicas e apoiada em recursos adaptados, como elemento central para a inclusão e para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais dos alunos no ensino de Geografia e Ciências correlatas.

No que se refere aos resultados alcançados, observa-se a predominância de desfechos positivos, embora com considerações importantes. Muitos trabalhos relatam avanços cognitivos, expressivos e de participação social dos estudantes autistas quando submetidos a práticas adaptadas.

Ferreira (2022) demonstrou que o uso de mapas mentais ampliou a compreensão espacial, enquanto Silva (2017) evidenciou a capacidade de alunos com TEA construírem representações cartográficas significativas, desconstruindo estigmas de incapacidade. Da mesma forma, Zanon & Gradini (2023) sublinharam a importância da implementação do Plano Educacional Individualizado (PEI) para promover autonomia e dignidade.

Por outro lado, parte dos trabalhos apresenta resultados mistos, nos quais os benefícios das práticas foram limitados por dificuldades de execução. Batista (2023), por exemplo, constatou que o quebra-cabeça cartográfico perdeu parte do caráter lúdico pela necessidade de constantes mediações, o que reduziu seu potencial inclusivo. Brites (2023) relatou que a falta de preparo dos docentes prejudicou a eficácia das práticas pedagógicas, enquanto Araújo (2022) apontou as dificuldades de atenção e interação como fatores limitadores do uso de mapas em sala de aula. Esses casos evidenciam que a efetividade dos instrumentos não depende apenas de sua qualidade intrínseca, mas também do contexto em que são aplicados.

De forma complementar, alguns estudos revelam um quadro mais crítico e estrutural, apontando falhas sistêmicas na política educacional inclusiva. Souza (2019) e Fernandes (2019) destacaram a escassez de pesquisas e de práticas pedagógicas inclusivas em Geografia, especialmente nos níveis de ensino além do fundamental. Da Silva (2022) enfatizou que o planejamento inadequado das aulas, sem considerar as necessidades de rotina dos estudantes autistas, coloca em risco sua inclusão. Esses diagnósticos reforçam que a inclusão não se resume a adaptações pontuais em sala de aula, mas exige mudanças institucionais profundas, abrangendo desde a formação inicial dos professores até a garantia de recursos materiais e humanos adequados.

As informações produzidas na análise dos resultados são listadas no Quadro 2, onde as pesquisas foram divididas dentro das categorias de análise e os resultados agrupados e sintetizados.

Quadro 2 - Tabela síntese de análise dos resultados

Tipo de pesquisa	Autores\Ano	Características e Metodologia	Principais resultados e contribuições
Qualitativa	Silva (2019); Souza (2019); Graça (2023); Fernandes (2019); Brites (2023); Barros & Carvalho (2024); Silva (2023); Santos & Pessoa (2023); Mantoan (2015)	Observação participante, entrevistas, estudo de caso e análise documental.	Compreensão aprofundada da realidade escolar, avanços cognitivos e sociais, mas limitações de generalização e carência de formação docente.
Mista (Qualitativa + Quantitativa)	Arruda (2023); Ferreira (2021); Barbosa (2022); Nascimento, Diniz & Garcia (2023)	Combina análise interpretativa com questionários e dados estatísticos.	Fundamentação teórica, revisão de literatura e análise conceitual.
Interventiva / Experimental	Spondelner (2024); Batista (2023); Ferreira (2022); Diório (2020); Silva & Silva (2023); Araújo (2022)	Aplicação prática de recursos (jogos, mapas mentais, impressões 3D, oficinas, tecnologias digitais).	Ganhos cognitivos, expressivos e de engajamento; comprovação de eficácia das práticas em contextos reais.
Comunicação Alternativa (PECS) e Metodologias ativas	Barbosa & Nora (2024); Barbosa (2022); De Jesus, Carvalho & Silva (2024)	Uso de sistemas de comunicação alternativa (PECS) e metodologias ABA/TEACCH.	Ampliação da expressão e participação de alunos com dificuldades verbais; reforço da importância de estratégias adaptadas
Documental / Formação Docente e Políticas Públicas	Arruda (2023); Barros & Carvalho (2024); Nascimento, Diniz & Garcia (2023); Ferreira (2016)	Análise de legislações, programas de formação e práticas pedagógicas.	Diagnóstico de carência de formação específica e necessidade de políticas estruturantes para inclusão.
Teórico-Reflexiva / Revisão e Adaptação Curricular	Silva & Freitas (2016); Oliveira & Souza (2020); Callai (2013); Castellar (2018); Schwartzman (2019)	Fundamentação teórica, revisão de literatura e análise conceitual	Reflexões sobre ensino inclusivo e importância de metodologias diversificadas e adaptadas

Fonte: os autores (2025)

Considerações finais

A partir da comparação dos estudos, é possível identificar padrões gerais. Primeiramente, constata-se que mapas mentais e táteis, jogos lúdicos e materiais manipuláveis representam instrumentos amplamente reconhecidos como eficazes para estudantes autistas, pelo fato de estimularem a percepção visuoespacial. Em segundo lugar, as tecnologias digitais e 3D emergem como tendências recentes,

alinhasadas ao avanço da cultura *maker* e à busca por maior engajamento dos estudantes. Em terceiro lugar, o PECS e outras formas de comunicação alternativa consolidam-se como estratégias indispensáveis para garantir a participação de alunos com déficits comunicativos, e as tradicionais metodologias ABA e TEACCH originam bons resultados, quando adaptadas à realidade de cada aluno. Finalmente, destaca-se a convergência de quase todos os trabalhos em torno de uma crítica: a insuficiente formação docente em práticas inclusivas, considerada um gargalo que limita a consolidação de qualquer iniciativa.

Para preencher essa lacuna, é necessária uma reestruturação das disciplinas de educação inclusiva, não somente nos cursos de licenciatura em Geografia, mas em todas as áreas do ensino, onde práticas metodológicas e instrumentos práticos que estejam na fronteira do conhecimento sejam reproduzidos e difundidos na prática docente. Simultaneamente, devem ser realizados projetos de formação continuada para professores e comunidade escolar, visando capacitar os profissionais que já atuam na área da educação e dar suporte para práticas inclusivas no campo do ensino.

Em síntese, o conjunto dos 29 trabalhos analisados revela que o ensino de Geografia possui elevado potencial inclusivo, desde que mediado por estratégias pedagógicas adequadas, professores capacitados e políticas públicas consistentes. Observada ao longo do tempo, a transição do uso de recursos essencialmente manuais para a incorporação de tecnologias digitais e impressões 3D sinaliza um processo de inovação contínua. Entretanto, a efetividade dessas práticas permanece condicionada à superação de obstáculos estruturais que envolvem a formação docente, a escassez de recursos e a necessidade de políticas educacionais mais robustas.

O campo de pesquisa e prática no recorte temporal analisado sugere que a inclusão de alunos com TEA no ensino de Geografia não é apenas uma questão metodológica, mas um compromisso político, ético e institucional que precisa ser assumido de forma integral pelas redes de ensino. Como proposta de pesquisas futuras, sugerem-se trabalhos de ordem prática e experimental, com intervenções pedagógicas diretas, apoiadas em metodologias e instrumentos didáticos na presente pesquisa destacados.

Referências

ARAÚJO, A. C. A. **Ensino da cartografia:** limites e possibilidades para a prática docente junto aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/1858>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ARRUDA, F. I. **Geografia e educação inclusiva:** a formação docente com foco no Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2023. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4782>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BARBOSA, S. P. S. **Os sentidos de lugar e espaço geográfico construído por meio do uso do sistema de comunicação por troca de figuras (PECS), em alunos com autismo.** 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2022. Disponível em:

<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/cienciageografica/article/view/3631>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BARBOSA, S. P. S.; NORA, G. G. D. Os sentidos de lugar e espaço geográfico construído por meio do uso do sistema de comunicação por troca de figuras (PECS) em alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental. **Revista Ciência Geográfica**, v. 28, n. 1, jan. 2024. Universidade Estadual do Maranhão, 2024. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/cienciageografica/article/view/3631>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BARROS, E. A.; CARVALHO, E. T. Inclusão de alunos com Transtorno Autista no processo de ensino de Geografia: avanços e retrocessos. **Revista de Comunicação Científica (RCC)**, v. 4, n. 17, p. 73–88, 2024. Instituto Federal de Rondônia. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rcc/article/view/13192>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BATISTA, O. **O ensino da Geografia por meio de mapas mentais e quebra-cabeças**: uma proposta de recurso pedagógico acessível para estudantes com Transtorno do Espectro Autista. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2023. Disponível em: <https://ufmt.br/curso/geografiacba/pagina/pos-graduacao/13541>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da saúde: uma contribuição metodológica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 5, p. 1064–1069, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/8vMfJf74qGZy5Zj9bPZHfT/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o §3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 dez. 2012.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

CALLAI, H. C. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 6, p. 8–21, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufvjm.edu.br/revista-espinhaco/article/download/144/155/306>. Acesso em: 2 jul. 2025.

CASTELLAR, S. M. V. O ensino de Geografia na escola básica: desafios e perspectivas. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 11, n. 2, p. 253–270,

2018. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/7136>. Acesso em: 16 jul. 2025.

COSTA, B. M. M. C. **Aprendendo a cartografar com crianças com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD)**: a relação sujeito-espacó dos autistas. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10010>. Acesso em: 2 jul. 2025.

DA SILVA, L. **Autismo e inclusão escolar**: estudo sobre os desafios no processo de aprendizagem do ensino da Geografia. 2022. Monografia – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49144>. Acesso em: 2 jul. 2025.

DE JESUS, V.; CARVALHO, L. F.; SILVA, R. F. Flexibilização das metodologias para o ensino de Geografia para alunos com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ**, 2024. Disponível em:
<https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/19602>. Acesso em: 2 jul. 2025.

DIÓRIO, R. **Princípios do Desenho Universal para Aprendizagem nos objetos do conhecimento de Geografia para alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/d4f3692b-7b7d-4513-9b2b-4caa59b946cf>. Acesso em: 2 jul. 2025.

FERREIRA, S. M. S. **Mediações do professor de apoio educacional especializado no cotidiano escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista no processo de aprendizagem de temas geográficos**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em:
<https://pecim.unicamp.br/documento/mediacoes-do-professor-de-apoio-educacional-especializado-no-cotidiano-escolar-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-do-autismo-no-processo-de-aprendizagem-de-temas-geograficos/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

FERREIRA, Z. A. A. **O ensino de Geografia no contexto dos professores de alunos autistas em escolas públicas e privadas na cidade de Teresina-PI**. 2021. Monografia – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2021. Disponível em:
<https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/882>. Acesso em: 2 jul. 2025.

FERREIRA, A. J. S. **As contribuições dos mapas mentais para a alfabetização cartográfica de aluno com TEA**. 2022. Monografia – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2022. Disponível em:
<https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/25083>. Acesso em: 2 jul. 2025.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G.; SILVA, M. T. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 211–218, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ress/a/XbXFLYwmQnYp3V5pDjMkJhf/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GLAT, R.; PLETSCH, M. D. **Inclusão escolar e formação de professores: perspectivas contemporâneas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

GRAÇA, D. S. O. **Aprender geográfico pela diversidade do espectro autista: estudo de caso na prática do Ensino Fundamental em escola no Tabuleiro do Martins – Maceió (AL)**. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023. Disponível em:
<https://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/13774>. Acesso em: 2 jul. 2025.

GUARESI, Y. **Geografia inclusiva na produção de material sensorial de escala geográfica para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) dos anos finais do Ensino Fundamental**. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024. Disponível em:
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/32865/DIS_PPGPEGRN_%202024_G_UARESI_YAZANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 2 jul. 2025.

GUIMARÃES, L. B. M.; GUIMARÃES, R. B.; WIEZZEL, A. C. S. De um rabisco no papel para o sentido do lugar: o estudo geográfico de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 74–90, jan./jun. 2018. Universidade Estadual Paulista. Disponível em:
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/download/13174/8646/70828>. Acesso em: 2 jul. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. País tem 2,4 milhões de autistas, diz 1º cálculo oficial do IBGE. **Jornal do Commercio**, Recife, 23 maio 2025. Disponível em: <https://jc.uol.com.br/colunas/saude-e-bem-estar/2025/05/23/pais-tem-24-milhoes-de-autistas-diz-1-calcular-oficial-do-ibge.html>. Acesso em: 17 jul. 2025.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Crescem matrículas de alunos com Transtorno do Espectro Autista**. Brasília: MEC/INEP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/censo-escolar/crescem-matriculas-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 17 jul. 2025.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? 10. ed. São Paulo: Moderna, 2015. Disponível em:
<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2025.

NASCIMENTO, F. S. K. B.; DINIZ, M. T.; GARCIA, T. C. M. Ajude-nos a compreender o espaço geográfico: manual pedagógico com orientações ao professor de aluno com autismo. **Revista Geoconexões**, Natal, v. 1, n. 15, 2023. Disponível em:
<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/15744>. Acesso em: 2 jul. 2025.

OLIVEIRA, L. M.; SOUZA, M. C. Práticas pedagógicas inclusivas no ensino de Geografia para alunos com autismo. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 33, n. 65, p. 1–20, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/45768>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SANTOS, M. A.; PESSOA, R. B. O ensino de Geografia para alunos com autismo: desafios e perspectivas para prática inclusiva. **Anais do IX CONEDU**, Cajazeiras, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/98776>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SCHWARTZ, G. H. **Apropriação de conceitos geográficos por estudantes autistas**: limites e possibilidades na mediação do professor por meio da cartografia tátil. 2023. Monografia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/249240>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SCHWARTZMAN, J. S. Autismo: avanços na compreensão e nos direitos. **Revista USP**, São Paulo, n. 120, p. 21–30, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/160423>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SILVA, J. B. **O papel do ensino de Geografia no processo de inclusão do autista na Educação Infantil**. 2019. Monografia – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8112/1/O%20papel%20do%20ensino%20de%20geografia%20no%20processo%20de%20inclus%C3%A3o%20do%20autista%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SILVA, A. M.; SENNA, M. L. G. S.; CAVALCANTE, R. P.; CASTILHO, W. S. Capacitismo na Educação Profissional e Tecnológica de pessoas com TEA: desafios e perspectivas. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 9, p. e1675, 2025. DOI: 10.47236/2594-7036.2025.v9.1675. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/1675>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SILVA, H. M. **Estratégias de inclusão no ensino comum**: reflexões sobre o ensino de Geografia para alunos com Transtorno do Espectro Autista. 2023. Artigo – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/3121>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SILVA, M. S. **O ensino de Geografia e os mapas mentais de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista no município de Duque de Caxias – RJ**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017. Disponível em: https://rima.im.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/13811?locale=pt_BR. Acesso em: 2 jul. 2025.

Artigo Científico

SILVA, W. N.; FREITAS, F. P. M. Atividades de adaptação curricular para crianças com Transtorno do Espectro Autista na perspectiva do programa TEACCH: relato de experiência. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 3, n. 2, p. 117–126, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/6756/4412>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SILVA, S. S.; SILVA, E. S. O. Ensino de Geografia e Transtorno do Espectro Autista: proposição de material 3D. **Revista Ensino de Geografia** (Recife), Recife, v. 6, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ensinodegeografia/issue/view/3488>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SOUSA, L. A. S. **A inclusão do autista**: análise de práticas pedagógicas no ensino da Geografia em escolas públicas na Região Metropolitana de Campina Grande – PB. 2019. Monografia – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/22814>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SOUZA, L. M. M.; FIRMINO, C. F.; MARQUES-VIEIRA, C. M. A.; SEVERINO, S. S. P.; PESTANA, H. C. F. C. Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação**, Porto, v. 1, n. 1, jun. 2018.

SPONDELNER, L. M. S. R. **Aprender juntos**: atividades inclusivas de Geografia para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Monografia (Graduação) — Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), 2024. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/5664>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ZANON, R. B.; GRADINI, K. M. O. **Estratégias e práticas que podem contribuir para o processo de inclusão escolar de estudantes com TEA**: possibilidades de adaptações no ensino de Geografia e suas sistematizações no PEI. Monografia. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2023. Disponível em: <https://geografia.blog.br/pdf/2023iegfb.pdf#page=164> Acesso em: 2 jul 2025.

Informações complementares

Descrição	Declaração
Financiamento	Instituto Federal de São Paulo.
Aprovação ética	Não se aplica.
Conflito de interesses	Não há.
Disponibilidade dos dados de pesquisa subjacentes	O trabalho não é um <i>preprint</i> e os conteúdos subjacentes ao texto do manuscrito já estão disponíveis.
Uso de Inteligência Artificial	Não há.
CrediT	Lafayette Costa Neto
	Funções: conceitualização, administração do projeto, curadoria de dados, análise formal, metodologia e escrita (revisão e edição).
	Luiza Nissola Pereira
	Funções: análise formal, curadoria de dados e investigação.
	Alice de Paulo Pinheiro
	Funções: análise formal, curadoria de dados e investigação.

Avaliadores: Dr. Leandro Rafael Pinto* (Instituto Federal do Paraná. Paraná, Brasil) e Dr. Ângelo Rodrigues de Carvalho** (Instituto Federal do Pará. Pará, Brasil).

Revisora do texto em português: Marilene Barbosa Pinheiro.

Revisora do texto em inglês: Patrícia Luciano de Farias Teixeira Vidal.

Revisora do texto em espanhol: Graziani França Claudino de Anicézio.

Como citar:

COSTA NETO, Lafayette; PEREIRA, Luiza Nissola; PINHEIRO, Alice de Paulo. O ensino de Geografia para estudantes com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática qualitativa entre 2016 e 2024 no Brasil. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 10, p. e1860, 2026.

DOI: 10.47236/2594-7036.2026.v10.1860. Disponível em:

<https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/1860>.

* Optou pela avaliação aberta e autorizou somente a divulgação da identidade como avaliador no trabalho publicado.

** Optou pela avaliação aberta e autorizou a divulgação da identidade no trabalho publicado e do parecer na página da Revista.